

SER: DISTINTIVO DA INDIVIDUALIDADE E DA PESSOALIDADE UMA DEFINIÇÃO DO SER E A ARTE DE SER

Dr. Silas Molochenco¹

Meu propósito, ao escrever este artigo, é defender a idéia de que quando falamos de alguém, de uma pessoa, no seu pleno sentido, a melhor expressão linguística a se usar é o vocábulo SER. Na qualidade de SER a pessoa se manifesta Ser-Como-Sujeito em sua identidade e individualidade e, em relação à sua personalidade, apresenta-se como Ser-Em-Si (Sich-Sepbst- Sein). O Vocábulo SER, para indicar um ser-humano, engloba a sua expressão diante de seus pares – a sua objetivação – isto é, em relação com o seu mundo exterior e também abarca a sua ‘manifestação’ subjetiva (de si mesmo para consigo), isto é, sua relação com o seu mundo interior. A linguagem é sempre simbólica e representativa. Mesmo que contemplemos, nos processos comunicativos, os

conteúdos chamados de não-verbais ou para-verbais, mesmo assim, estes serão representativos e simbólicos, sempre carecendo de uma interpretação de quem recebe a comunicação².

Quero, neste artigo, me expressar a respeito do ser-humano na sua individualidade, na sua pessoalidade, e que a minha definição abarque toda a expressão desse tal em todas as suas capacidades. Desde as manifestas pelas mais simples aptidões até as intrincadas potencialidades, ainda que não evidenciadas, mas que estão inseridas nele.

Daí é que surge a dúvida. Ela é minha e de tantos outros que tentam se expressar para definir esse tal em sua plenitude. Qual seria o melhor termo para dar significado e definição a ele? Será que este

¹Bacharel em Teologia, Mestre em Teologia – Psicologia Pastoral, Doutor em Psicologia – Identidade professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, pastor da Comunidade Batista em Moema

²O que se entende de uma determinada fala será sempre interpretação subjetiva. Note-se a própria razão do artigo e dificuldade de expressão e comunicação de certa idéia que é codificada em símbolos.

artigo se definiria melhor se tivesse como título: UMA DEFINIÇÃO DO INDIVÍDUO? Ou será que o termo mais apropriado seria: UMA DEFINIÇÃO DE SUJEITO? Ou então, DE PESSOA? Ou, DE UM ELEMENTO? Ou, talvez devêssemos escolher a expressão UMA DEFINIÇÃO DE PERSONAGEM?

Pessoalmente defendo a expressão SER e pretendo provar ser ela a que melhor define a individualidade e a pessoalidade de alguém. Por isso defendo o tema do artigo em questão: SER: DISTINTIVO DA INDIVIDUALIDADE E DA PESSOALIDADE, - UMA DEFINIÇÃO DO SER e passo a argumentar porque defendo tal vocábulo para definir de forma mais clara possível o ser humano na sua individualidade.

Uma palavra explicativa a respeito da comunicação

Nós nos comunicamos através de sinais e signos que, de um modo geral, são as palavras. Cada um deles traz em seu bojo um significado, isto é, cada palavra, cada sinal, cada signo evoca uma idéia e/ou dá significado a alguma coisa. Ao conjunto desses, denominamos linguagem, e através desta é que nos fazemos entender e entendemos os comunicados dos outros. No entanto, os problemas e as dificuldades na comunicação surgem quando os símbolos usados pelo sujeito que fala não têm o mesmo conteúdo ou valor para o sujeito que ouve a mensagem. Sempre que duas pessoas se comunicam o diálogo será possível e, por conseguinte de maior qualidade, na medida exata em que os signos e símbolos possuam significados semelhantes tanto para o emissor da mensagem quanto para o receptor da mesma. A comunicação entre sujeitos alcança nível melhor de compreensão na medida exata em que os

símbolos tenham significados análogos e estes cheguem o mais próximo possível e com maior exatidão do significante que se quer representar através dos símbolos.

Talvez você questione por quê um artigo sobre Definição do Ser aborda o tema comunicação? A resposta a esta sua indagação é que o cerne de qualquer definição está exatamente nos signos e símbolos que representam o objeto definido. Desta forma, para definir o indivíduo ou uma pessoa, precisamos de signos e símbolos que o qualificam da melhor forma possível.

Na atualidade, nos diálogos nos meios educacionais, psicológicos, sociológicos e filosóficos, e porque não dizer, de um modo geral, o que é que se entende quando são usadas palavras como personalidade, identidade, pessoa, indivíduo, sujeito, etc.?

Tenho lido algumas, teses, dissertações, monografias, livros e artigos em que o assunto é discutido e tenho visto as mais variadas explicações e definições sobre cada um destes termos. Muitas vezes, ao invés de explicarem ou dar esclarecimento às idéias, os autores acabam por fazer uma confusão ainda maior, visto que usam os termos acima como sinônimos ou como expressão de conceitos extremamente semelhantes. Também usam termos semelhantes para dar significado a coisas diferentes ou termos diferentes para dar significado a mesma coisa confundindo ainda mais o leitor. Quando vamos às definições em dicionários, gerais e especializados, a gama de significado de tais símbolos, atinge os extremos. Vai desde a “dissimulação” feita por uma pessoa, passa pelas mais variadas formas de expressão, de representação ou de apresentação, e chega até a qualidade completa de ser de uma pessoa ou indivíduo humano.

Uma síntese do pensamento de Adorno sobre o Ser

Faz algum tempo que venho contemplando os conceitos de Adorno e, associando estes meus estudos, com as leituras conforme expus acima, percebi que algumas idéias desse filósofo da Escola de Frankfurt, a respeito da identificação do ser humano, poderiam aclarar a definição do mesmo.

O SER como um todo, do que é denominado filosoficamente como o seu 'Óntos', foi contemplado por Adorno em seu texto Sujeito y Objeto escrito em 1973.

Entendo que em seus escritos Adorno considera que definir o SER é privilegiá-lo frente a todos os demais objetos. Em fazendo-o não diminuimos estes. O SER é o que é e os objetos se manifestam da mesma forma. No entanto, privilegiar o SER significa dar-lhe conceito supremo, não como o seu ideal ontológico no qual se manifesta toda a ideação do SER, mas como sujeito eidético, que se apresenta na história, vive e convive com seus pares, mostra-se como objeto acessível e fenomenológico pois, para realmente SER e manifestar-se no movimento histórico como SER, precisa estar sempre inserido e interagindo com o seu mundo exterior composto pelo mundo das coisas e o mundo dos outros conforme definido por Pierre Vayer (1977,p.9s). É nestes mundos que o SER manifesta a sua condição da liberdade e simultaneamente o princípio do determinismo. A vontade existe até onde os homens se objetivam como caráter. Deste modo se convertem frente a sua própria expressão de SER - prescindindo do que ele seja - em algo externo, segundo o modelo do mundo

das coisas, exterior e sujeito às casualidades (1973,p.216).

Em tais circunstâncias, o SER manifesta-se com o seu espírito aberto e se coloca acessível para o seu desenrolar no desenvolvimento histórico e para o que no empírico se pode apreender. Tais atitudes do SER evidenciam a sua liberdade. Aprisioná-lo pura e exclusivamente em dado momento histórico e determiná-lo como Ser-Em-Si em tal momento e é escravizá-lo ao mesmo. A sua escravização ao momento vivido, limita a sua ação ao instante da objetivação, desdenhando de todo o seu processo histórico, o que trará, como consequência, o embotamento do seu desenvolvimento cognitivo. Este aprisionamento do SER é sempre processo alienante.

Com isso, quero afirmar que mesmo o conceito de SER não pode ser formado à parte do movimento histórico. Como bem diz Adorno (1973,p.143), qualquer coisa ou objeto que se queira definir, até mesmo o SER como pessoa, como indivíduo, será necessário de em primeiro lugar "capturá-lo" em sua subjetividade num dado momento histórico, isto é, no instante da sua da objetivação. Só desta forma é possível observar, definir e conceituar o objeto. No entanto, esta "captura" só manifesta do SER, aquilo que ele apresenta dele mesmo no momento da "captura" isto é, suas ações, seu estado, seus papéis e 'personas'.

Se o SER manifestar-se como serviçal na marcha do mundo, pura e exclusivamente como objeto, em seu determinismo, limita-se e se apresenta somente em reações passivas e sempre simplesmente passivo em suas manifestações. Se assim, fica impossibilitado o exercício do pensamento. A conservação da sua identidade e identificação diante do

mundo dos outros e do mundo das coisas, requer do SER, dentro do processo da história, mais do que reflexos condicionados. Na realidade, o SER como SER deve superá-los, superando também, através do seu SER eidético, a sua própria manifestação de Ser-Como-Sujeito, apresentado-se em sua liberdade através das diferenças que são produzidas por ele (SER) e os seus reflexos (Adorno, 1973,p.217,8).

A liberdade de manifestação é que induz o processo de crescimento do conhecimento e, conseguinte, produz as mudanças no SER de modo livre e justo. Na extensão, inversamente exata, da manifestação da liberdade, da emancipação, do conhecimento e do esclarecimento, está a delimitação e a atuação da incapacidade, da intolerância, da subserviência, da alienação e da escravização em seus mais diversos aspectos. Quanto maior for a expressão daquelas categorias, tanto menor será o poder dessas últimas. O SER deve exercer o seu senhorio sobre as categorias que o qualificam e que o manifestam e assim, não permitir que seja escravizado por qualquer um delas.

Se nós dermos o primado ao SER, não será possível reduzi-lo a um mero produto, tirando-lhe o poder de SER e entregando-o ao sistema da natureza, nem será possível torná-lo à semelhança de um serviçal do todo. Ele - através do exercício da liberdade de ser e a manifestação da mesma - vai livrando-o de todo o aprisionamento. Esta liberdade é manifesta em toda a síntese que se opera, na qual a vontade do SER e a sua identidade se mantém soberanas no processo, assumindo a possibilidade de alcançar vitórias na conversão das submissões dos objetivos da dominação, na determinação de vencer a opressão e a acomodação e de aceitar a razão do todo

contra a sua razão particular. Quando a racionalidade se desprende do SER e ele perde o controle da manifestação da pessoa sua na sua íntegra (eidética) e a razão se converte em irracionalidade manifestando dependência passiva à situação como dada, apresenta o SER aprisionado, com comportamento amplamente serviçal - que aparentemente chama a uma expressão de espontaneidade, porém sempre o leva à passividade nos quadros da situação apresentada. Nesses momentos o SER é impedido de manifestar-se como tal, por motivos que serão discutidos no decorrer deste artigo. Manifesta-se assim a escravatura do SER.

Entretanto, todo o desenvolvimento da filosofia, das ciências sociais e humanas se coloca a disposição da psicologia e quanto mais a ciência e o conhecimento se desenvolvem, mais a realidade do SER se deixa transluzir. Assim, podemos ,através do desenvolvimento da ciência e do conhecimento extrair maior conhecimento do próprio SER. O pensar, a possibilidade e o exercício do raciocínio, trazem a produção do saber, da ciência, do conhecimento. Desta forma, o paradoxo do “Ôntos” e o descobrimento pelo transluzir da verdade são compre- endidos através da própria descoberta - através do ratio - do próprio SER. Por este caminho, ele desenvolve seu conhecimento, suas capacidades, seus ideais, seus conceitos, seus interesses, seus hábitos, etc, produzindo e construindo através destes, a sua autonomia, liberdade e emancipação durante o decorrer de sua existência.

A QUALIDADE DO VOCÁBULO ‘SER’

O termo “SER” vem da filosofia clássica e tem sua origem na forma verbal grega “TÓ

ON". Os próprios filósofos da escola grega clássica, o substantivaram³ e, mais tarde, foram seguidos pelos latinos.

Minhas considerações são de que este termo qualifica melhor a idéia ou conceito sobre uma pessoa humana. Ele qualifica o indivíduo que age num recorte histórico e, nesta ação, manifesta-se Ser-Como-Sujeito.

Compreendo que o próprio vocábulo SER é um dos signos linguísticos com difícil descrição pois, dentro do próprio conceito da expressão "ser" busca-se uma resposta à indagação: Qual é a coisa que propriamente é. Apesar disso, é exatamente este símbolo ou vocábulo, que os próprios filósofos gregos da antiguidade substantivaram e os latinos efetivaram, que eu elejo como o mais significativo para a definição do ser humano no seu todo.

Minhas considerações são de que, definir o ser-humano como personalidade, pode-se simplesmente reduzi-lo a um papel, ou papéis, que venha a exercer diante da sociedade e defini-lo só no que dele se objetiva. Por outro lado, defini-lo como indivíduo, simplesmente fará a sua demonstração como diferente e/ou separado do outro, na qual a expressão sócio-grupal não se manifesta, apresentando-o com os seus atributos e características próprias de seu isolamento, isto é, a sua subjetividade. Teremos dificuldades semelhantes se usarmos o vocábulo identidade porque este necessita que o contemplemos simultaneamente na sua distinção e na sua igualdade com o que é identificado e, para a sua subsistência, exigirá sempre o outro; a identidade necessariamente necessita do outro.⁴

SER, seria assim, o símbolo linguístico mais adequado para se definir e identificar um ser-humano.

Quando falamos sobre o "SER" de um determinado ser-humano, não enfocamos aspectos, nem algumas das suas características, nem mesmo a qualificamos por sua ação ou ações; mas a qualificamos em todos os seus aspectos, qualidades e características, desde o seu físico, psique, até o seu espírito, em repouso ou em ação, em sua objetividade, subjetividade e intersubjetividade.

Escolho, desta forma, o vocábulo SER para definir o indivíduo ou pessoa, porque ele, em seu bojo, carrega todos os atributos acima descritos. É mais, quando o SER se manifesta, apresenta-se como sujeito da ação, isto é, apresenta-se Ser-Como-Sujeito. Porém, neste mesmo recorte histórico manifesta-se não somente como o Sujeito que age, com as características exclusivas de sua ação mas, apresenta-se no seu todo, aquilo que ele é na qualidade do Ser-Sujeito-Em-Si.

Vale ressaltar ainda aqui, neste arrazoado a respeito do vocábulo SER, em defesa da minha argumentação que, na qualidade de Ser-Sujeito-Em-Si, este indivíduo que se manifesta, não o faz na plenitude do seu SER, ou melhor, na qualidade de SER teleológico, isso porque na cotidianidade ele se constrói e o que será ainda está no processo de vir-a-ser. Sempre que ele se apresenta na ação, como sujeito, apresenta-se em devir, em realização e em busca da completação do seu SER. Para corroborar com este meu argumento, cito o Apóstolo São Paulo que escreveu: Porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos.

³Para um detalhamento sobre o assunto, veja Mora, José Ferrater. "SER", Dicionário de Filosofia. Vol 2; p 652ss.

⁴Sobre a questão Identidade e formação da Personalidade Ver Renato Mezan em Psicanálise, Judaísmo: Ressonâncias. p 44,5.

Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado. Porque, agora, vemos por espelho, obscuramente; então veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido (1 Co 13.9-11).

O que se dá a conhecer na ação do ser humano é a sua expressão em Ser-Como-Sujeito. Ele se apresenta como o SER da ação. Vale a pena ressaltar que este sujeito da ação é exatamente o que do Ser-Em-Si se manifesta no instante; na ação. No recorte histórico, não se pode observar o Ser-Em-Si, isto é, a pessoa como um todo. Esta só é possível contemplando-se toda a sua linha histórica. Os que se manifestam no instante só poderão perceber o que das pessoas implicadas na objetivação se manifesta. Outro ponto a salientar aqui é que este Ser-Em-Si que se manifesta como Sujeito da Ação e que se dá a conhecer através dela, este Ser-Em-Si, como já demonstrei anteriormente, não é o SER em sua plenitude, visto que, ele está sempre em devir e se transforma a cada objetivação. Com isso afirmo que na ação seguinte do SER, o Ser-Em-Si sofreu modificações pela própria interação entre os sujeitos da ação. Apresenta-se como parte do todo, como parte do real e não se assenhoreia do todo; o teleológico. Diante do exposto, é preciso observar, com a devida atenção que, ainda que o SER se manifeste no instante, isto é, num recorte histórico, ele se manifesta mediante as suas condições e características que dele são requeridas e determinadas pelo próprio instante. Incondicionalmente, a sua manifestação fica limitada pelas dimensões tempo e espaço.

Existe, ainda, um outro aforisma que precisamos contemplar.

O imediato em si, não passa de vago e arbitrário se nele, os sujeitos implicados, não fizerem uso do recurso da reflexão⁵.

No entanto, por mais que a reflexão necessite do imediato para poder dar-lhe conteúdo, e a reflexão necessite do imediato para se objetivar, nem a reflexão, nem o imediato poderão dar conta do Ser-Em-Si. Através do imediato o SER percebe o que se dá no instante e, pela intermediação da reflexão, que necessariamente faz imbricação entre a subjetividade (conteúdo mental do sujeito) e a objetividade (as percepções do fato-em-si), o Ser-Como-Sujeito entra em processo de elaboração e de estruturação de seus pensamentos, através da mediação da reflexão. Como já afirmo, é esta que ocasiona a elaboração mental, analítica do que o SER significa na aparente pureza de sua revelação.⁶

Ao finalizar esta minha argumentação em defesa do vocábulo “SER” deixo, em resumo, a essência do meu pensamento.

O conceito de SER a que nos referimos não é um ente teleológico; em sua plenitude, completo perfeito e imutável. Compreendemos também que o SER é maior que a sua apresentação ou sua objetivação, quer na qualidade de sujeito ou, se é possível, na qualidade de objeto, diante do imediato⁷. O que se apresenta no imediato (O imediatismo do SER) é sempre parte do seu todo e neste, apresenta parte das suas componentes.

⁵ A REFLEXÃO será possível somente quando o Ser-Como-Sujeito contemplar o seu SER histórico, a sua memória de Identidade e Identificação.

⁶ Para ver com mais detalhes o pensamento de Adorno sobre o assunto, ler o seu texto *Dialectica Negativa*, 1975.

⁷ Adorno, em seus escritos, determina que nas objetivações do SER, este pode apresentar-se como sujeito e/ou como objeto. Na minha ótica, o SER em momento algum pode determinar-se como objeto. O engodo é que leva a ter-se uma leitura desta forma. Entendo que o SER é sempre sujeito e, quer quando, quer como e/ou onde se determina, sempre se determinará como sujeito.

A RELAÇÃO SUJEITO E OBJETO

Dentro da relação Sujeito - Objeto o SER que se apresenta como Sujeito tem se tornado, muitas vezes, por aqueles que observam a sua manifestação, a própria ideologia ou esteriótipo do SER. O Sujeito que observa e imagina e/ou idealiza, por pressupostos de ideologização do próprio SER. Através dessas, o que observa faz a leitura do Sujeito ou dos Sujeitos implicados no instante. Desta forma, o Ser-Como-Sujeito da ação da observação, manifesta a sua intencionalidade, e esta de forma 'ideologizada' e de forma invariável, de manifestar-se e de ver o que é manifesto. Isto é, de ver-se e de ver o 'outro', e tudo o que está implicado na relação, através de sua ideologização. Ele não vê o que está objetivado. Vê o que se objetiva com sua ideologia, o que cristaliza e perpetua o SER através dos seus papéis manifestos ou através das 'personas' representadas na objetivação (Goffman, 1992. p.25ss).

Na sua identificação dos Sujeitos manifestos, a intencionalidade e a ideologização do SER podem conduzir ou direcionar a ver os Sujeitos manifestos no instante como o Ser-Em-Si e até, não raras vezes, como SER teleológico e/ou escatológico. O observador que 'ideologiza' tem a impossibilidade de observar a realidade porque vê o que se objetiva via tais ideologizações. Como consequência, sua análise no *stricto sensu*, ou mesmo no *lato sensu*, é desfocada pois a sua ideologia faz que determine os sujeitos implicados na objetivação como sujeitos observados em Não-SER. Eles Não-São o que na realidade objetivam ser. São o que a ideologização determina.

Diante desta categoria de observação e

avaliação do instante, o SER é Não-SER do ponto de vista teórico da manifestação do Ser-Em-Si, porque na sua objetivação e, na própria percepção de Si-Mesmo do que foi objetivado, manifestar-se-á sempre 'como' o que ele 'é' no recorte histórico e nunca o seu SER teleológico ou escatológico, porque nem mesmo o seu Ser-Em-Si pode aí se manifestar em sua integralidade.

Por outro lado, o SER que se manifesta no instante, também pode apresentar-se como SER 'em determinada Ideologia'. Nesta determinação do seu SER, ele 'ideologiza' aquilo que ele se percebe sendo, ou seja, naquilo que o próprio indivíduo idealiza e quer manifestar-se 'sendo'.

Nesta relação Sujeito - Objeto, os que nela se objetivam, encarregam-se de cobrir, com a ideologia, a razão do sistema da relação em seu todo, idealizando a relação e perdendo a perspectiva de observação isenta e descentralizada dos sujeitos manifestos. Semelhantemente, determinam - através da ideologia - o que deve ser observado do 'outro' que se manifesta e de todas as determinações do Fato-Em-Si.

Não é sem razão que, através da subjetividade ideologizada, perdem também a perspectiva do como cada um deles, no que é de si, se objetiva. Esta categoria de relação valoriza o Sujeito impessoal à semelhança da impessoalidade da ética, da estética e da dogmática segundo Kierkegaard (1995), ou da impessoalidade do capital, do trabalho, da cultura, etc, conforme Adorno (1975), dissimulando, através de intenções e atos, o embotamento e o sofrimento subjetivo do SER com todas as suas características objetivadas. Essa relação coloca sob falsas aparências o SER.

Como resultado, o Não-SER é drasticamente superior ao SER.

Sobre esta categoria de manifestação do SER Adorno afirmou em seus escritos que é o SER quem se põe, de manifesto, sua componente ideológica, não cumprindo jamais o seu juramento de que o Não-SER é, ao final das contas, o próprio SER mas, determinado pelo engodo. Quanto mais este se apodera daquele, tanto mais degradado o objeto se encontra, mais ele é determinado pelo engodo da ideologia. Desta forma a identidade se converte em nada mais que uma instância de uma doutrina e a acomodação na qual o objeto - que tem de acomodar-se ao sujeito - e se cobra neste o prejuízo que lhe causou, fazendo carregar-se de razão contra sua razão (Adorno, 1975).

Por mais que o mundo sistêmico queira capturar o SER, tal e qual ele é, desde os primórdios da vida, ele nunca conseguiu alcançar tal intento. O ser-humano como SER se encontra sempre no centro do pensamento dos indivíduos. A razão disso é que o mundo (o kosmos) o conhecimento (a gnósis) e o vivencial, só podem ser descobertos, apreendidos, conhecidos e aprendidos através da percepção e insight desse SER, diante do mundo das coisas e do mundo dos outros. Isto gera no seu interior a angústia conforme conceituação de Kierkegaard (1995) que tem como causa a total impossibilidade de ele (o SER) se ver tal e qual ele é. Mais distanciada ainda fica-lhe também a imagem da sua perfeição; do seu teleológico, a qual tão ansiosamente busca. O SER frustra-se diante da leve percepção de que a visão do mundo "weltanschauung" e a visão de Si-Mesmo, obrigatoriamente serão sempre a visão do seu SER diante das coisas que se objetivam.

MANIFESTAÇÃO DO SER

Como já verificamos, o SER não se manifesta no empírico em sua plenitude. Ele pode, em sua manifestação representar um dos seus papéis na sociedade, ou apresentar-se como personalidade, conforme já anteriormente definido. Mas o seu SER pleno, ele não poderá manifestar. Poderá, sim, manifestar as suas componentes que serão apresentadas no movimento histórico, na sua plasticidade e no empírico. Permanece implícito, portanto, nestas apresentações, todas as suas funções, capacidades, potencialidades, pensamentos e categorias de seu SER, ainda que não manifestos ou apresentados no viver do momento da sua manifestação. Isto é, no instante, todas estas, estão em função sintetizante com todo o material que se apresenta para a síntese.

Na realidade, o que se apresenta do SER é a sua fenomenologia. Ainda que em devir constante, a sua essência como SER histórico, ou entendendo-o através do conceito filosófico, o seu "organon" está presente em cada ação. Adorno afirma que a verdade que expulsa o homem do centro da Criação é também a verdade que o adverte da sua impotência. Esta verdade consolida-se ao se converter, em atitude subjetiva, o sentimento de impotência de Ser-Si-Mesmo no momento do recorte histórico. Tudo isto o impulsiona a identificar-se com esta impotência e deste modo segue aumentando a fascinação natureza plena; o seu Ser teleológico e escatológico. A credulidade nesta fascinação do SER é turva; é derivação da ideologia e de um pressentimento crítico que realmente termina degenerando a definição que dela deu Heidegger: a servidão do SER.

O SER tem consciência de si frente ao universo; porém se liga sem maiores dificuldades a qualquer particular desde que este convença ao sujeito com suficiente energia da própria debilidade (Adorno, S/d.).

CONCLUSÃO

O que contém o vocábulo SER?

Ele contém a essência e todas as substâncias que definem bem o ser humano. Em primeiro lugar define-o, como Ser-Em-Si e, depois, como individualidade, na qualidade de alguém que se apresenta Ser-Como-Sujeito no instante. Aqui ele se apresenta como uma pessoa com identidade, individualidade e exclusividade; um SER diferente de qualquer outro.

Quando definimos a pessoa humana como SER, nós o colocamos como continente da existência e o denotamos mediante o que existe dentro dele de real e verdadeiro. Enfim, qualificando-o de SER, definimos a sua univocidade.

Ao designarmos o homem como SER declaramos que ele 'tem o seu lugar' e 'lugar único', exclusivo, de forma concreta e objetiva e que, na objetivação e na plasticidade da mesma e, ainda, na história, nesses aspectos ele se situe como indivíduo, como Ser-Em-Si, diante do 'mundo dos outros' e do 'mundo das coisas'.entre os seus pares.

Os horizontes do conceito SER, que definem uma pessoa, um indivíduo, compreendem a sua integralidade, a sua integridade e toda a sua organização dinâmica nos aspectos físicos e mentais.

Abrangem também a suas categorias morais, éticas e estéticas, qualificando-o

como Ser-Em-Si único. Incluem também os seus impulsos de ordem natural e os adquiridos mediante o seu processo de formação, seus hábitos, seus interesses, seus complexos, seus sentimentos, seus sistemas e estruturas de pensamento, seus ideais e, inclusive, a sua fé. Tudo isto é contemplado quando definimos o indivíduo ou a pessoa humana como SER.

Entretanto, queremos deixar aqui, definido com clareza, que uma pessoa só pode ser realmente se determinar no instante como um SER se tiver consciência de si mesmo como tal frente ao universo e ser capaz de interagir tendo consciência de Ser-Si-Mesmo diante de qualquer objeto frente à sua manifestação no universo. Caso contrário evidencia-se como Não-SER, tal e qual já foi explicado anteriormente neste artigo. O SER só pode determinar-se a si mesmo. em qualquer manifestação as suas determinações plenas não são acessíveis ao 'mundo dos outros' ou ao 'das coisas'. Subsequentemente, este Ser-Pleno, que somente pode ser definido teoricamente, fica ainda mais inacessível ao imediato (Adorno, S/d.p.75).

Uma observação importante a se fazer sempre é que, ainda que o ser-humano busque com grande ansiedade a sua dimensão de SER teleológica, ninguém o É nem se apresenta como produto final quando se manifesta. Desde o momento do seu nascimento até o momento final de sua vida, o SER, ininterruptamente, vivencia transformações e o que dele podemos saber é proveniente do que se objetiva e de sua plasticidade e sua historicidade provenientes da mesma. Isto significa que a cada instante, com o desenrolar da história, ele vem se completando; modifica-se e assimila o desenvolvimento.

O PRÓLOGO DE JOÃO

Diante do exposto acima no artigo, creio que podemos ter uma compreensão mais ampla do prólogo de João.

A questão de Jesus ser Deus. A sua essência e a essência do Pai.

A sua encarnação e suas limitações na encarnação.

O que dele podemos conhecer.

As questões levantadas por Paulo quando fala do Mistério de Cristo.

No princípio era o Verbo.

E o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Antes de ser criado o mundo, aquele que é a Palavra já existia. Ele estava com Deus e era Deus. Desde o princípio, a Palavra estava com Deus.

Por meio da Palavra, Deus fez todas as coisas, e nada do que existe foi feito sem ela.

Todas as coisas foram feitas por intermédio dele e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.

A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.

A Palavra era a fonte de vida, e essa vida trouxe luz pra todas as pessoas.

A luz brilha na escuridão e a escuridão não conseguiu apagá-la.

O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por ele. Mas o mundo não o conheceu. Veio para os que eram seus mas os seus não o receberam.

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes a autoridade, o poder, de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da

vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

A Palavra estava no mundo, e por meio dela Deus fez o mundo, mas o mundo não a conheceu. Aquele que é a Palavra veio para o seu próprio país, mas o seu povo não o recebeu.

Porém, alguns creram nele e o receberam, e a estes ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus. Eles não se tornaram filhos de Deus por meios naturais, isto é, não nasceram como nascem os filhos de um pai humano; o próprio Deus é quem foi o Pai deles.

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como o unigênito do Pai.

A Palavra se tornou um ser humano e morou entre nós, cheio de amor e verdade. E nós vimos a revelação da natureza divina, natureza que ele recebeu como Filho único do Pai.

Evangelho de João 1. 1-14

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W.. Dialectica Negativa. Madrid : Taurus Ed., 1975.
- . Acerca de la Relación entre Sociología y Psicología.
- . «Sobre Sujeto y Objeto.» Consignas. Buenos Aires : Amorrortu, 1973.
- ASSOUN, Paul-Laurent. A Escola de Frankfurt. São Paulo : Ed. Atica, 1991.
- CAPOZOLI, Ulisses. Aprendizado como uma Experiência Lúdica. O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 de jun. 1995. Caderno 2, p. D18.
- FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas. São Paulo : Martins Fontes, 1992.
- GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. 5ª.Ed. Vozes : Petrópolis, 1992.
- HORKHEIMER, Max. & ADORNO, Theodor W. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1985.
- KIERKEGAARD, Søren. Der Begriff Angst. Gütersloh : Gütersloher Verl. – Haus, 1995.

MACEDO, José Marcos. Tribos do Futuro vão Viver de Estética. O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 de jun. 1995. Caderno 2, p. D9.

MORA, José Ferrater. "SER" in : Dicionário de Filosofia. Buenos Aires :Editorial Sudamericana, 1971.

MEZAN, Renato. Psicanálise, Judaísmo: Ressonâncias. Campinas : Escuta, 1987.

MATOS, Olgária C.F.. Os Arcanos do Inteiramente Outro. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1989.

VAYER, Pierre. El Dialogo Corporal. Barcelona : Ed. Científico-Médica, 1977.

São Paulo, 09 de fevereiro de 1999 - S.M.